

MATTOS, Sérgio. Jorge Calmon, o ponto de referência. In : BOAVENTURA, Edivaldo M. (org.). *Jorge Calmon, o jornalista*. Salvador: Quarteto/Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2009, pp. 168-181.

JORGE CALMON: O PONTO DE REFERÊNCIA

No ano de 2005, Jorge Calmon estará completando 90 anos de idade, dos quais mais de 60 anos dedicada ao jornalismo diário, trabalhando no jornal A Tarde. Inúmeros eventos vão acontecer durante todo o ano para comemorar a data. A **NEON** antecipa-se a estas comemorações, dedicando sua capa ao decano dos jornalistas baianos.

Desde o momento em que decidimos dedicar uma capa ao jornalista Jorge Calmon – o Dr. Jorge, como o chamávamos na redação do jornal A Tarde –, assumi a responsabilidade de esboçar este perfil da figura do Jornalista Maior que ele é, mesmo sentindo o peso da responsabilidade. Várias pessoas já destacaram as suas inúmeras qualidades. Repeti-las, acrescentando outras seria fácil. Difícil é encontrar uma outra qualidade que não tenha sido ainda lembrada e registrada.

Partindo desta constatação, optei por dar um testemunho objetivo, conciso e preciso.

Um relato sobre este profissional que merece, mas reluta em aceitar homenagens e elogios, pois os considera exagerados. Na verdade, todas as homenagens que já lhe foram prestadas em vida estão aquém das que ele realmente merece, principalmente por sua atuação, não apenas como jornalista, mas como homem comprometido com a cultura e a preservação das entidades culturais da Bahia.

Quem não teve o privilégio de conviver no dia-a-dia de uma redação, sob o comando deste profissional da imprensa, não pode imaginar que por traz de sua figura tranqüila - a imagem clássica de um verdadeiro *gentleman* - existe um jornalista cheio de energia, possuidor de uma força de vontade capaz de mover montanhas para defender os interesses da Bahia.

Esta é uma qualidade, entre outras, que gostaria de destacar, pois a imagem do jornalista Jorge Calmon se confunde com a imagem do cidadão consciente, do homem público que sempre soube exercer o seu ofício em benefício da comunidade. Além de mestre do jornalismo, emérito professor universitário e historiador, com vários livros publicados, ele se projetou como uma das personalidades mais marcantes da Bahia e que continua sendo ouvido e consultado por dirigentes de várias entidades baianas.

Consciente das funções sociais que um jornal deve desempenhar junto à comunidade, com equilíbrio e senso de percepção, enquanto esteve à frente do jornal A Tarde, ele soube dar continuidade aos objetivos traçados por Simões Filho, ajudando a transformar aquele jornal, durante o século passado, num porta-voz das minorias e injustiçados, defendendo, em campanhas memoráveis, os interesses da Bahia. Sob seu comando, o jornal de Simões Filho tinha a Cara da Bahia e quando queríamos saber o que

aconteciam na terra, bastava ler aquele veículo, que já foi considerado inclusive como sendo uma instituição baiana devido aos laços que mantinha com a cultura e as tradições locais, dando espaço a todas as manifestações culturais, políticas, religiosas, sociais e econômicas que aqui aconteciam. Graças à visão e preocupação de se praticar um jornalismo correto e honesto, participativo e ético (conceitos transmitidos a toda a equipe que com ele trabalhou), aquele jornal, sob sua direção, interagiu com credibilidade no contexto da comunidade no qual estava inserido.

Como escreveu Jorge Amado, o escritor maior da Bahia, “sem ser político, Jorge Calmon, exerceu cargos políticos e administrativos com capacidade e zelo, sem falar na extrema integridade que caracterizou (e caracteriza) sua atuação. Dedicou-se, sobretudo, a apoiar e incentivar organizações culturais do quilate da Academia de Letras da Bahia e da Associação Bahiana de Imprensa, centros definitivos e indispensáveis da cultura de um Estado”.

Doutor Jorge foi o responsável direto por inúmeras campanhas vitoriosas realizadas pelo jornal A Tarde, haja vista a campanha contra a Divisão Territorial da Bahia entre muitas outras. Graças à sua determinação e seu amor pela terra e pela cultura baiana, o mapa da Bahia continua o mesmo e muitas instituições culturais, como a Academia de Letras da Bahia (ALB), a Associação Bahiana de Imprensa (ABI) e o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), para citar apenas algumas, foram beneficiados, direta e indiretamente, por sua atuação e influência no sentido de restaurar, preservar e modernizar suas respectivas sedes.

Sua atuação na condução da linha editorial do jornal, por mais de 60 anos, contribuiu diretamente para o sucesso que A Tarde conseguiu angariar no século passado. A atuação firme do então diretor-redator-chefe, se constitui também em um marco referencial para o jornalismo baiano. Jorge Calmon passou a ser o ponto de referência do sucesso alcançado pelo jornal fundado por Simões Filho.

Dr. Jorge soube assimilar o dinamismo, a sagacidade e o espírito determinado de Simões Filho. E exatamente por isso, historicamente, ele também, se constitui num referencial para qualquer jornalista e deve ser objeto de estudo de monografias e teses, nas Faculdades de Jornalismo e cursos de pós-graduação em comunicação, cujos autores queiram entender e registrar sua participação e influência na história do jornalismo da Bahia. Quem vier a escrever sobre a história da imprensa baiana e não se dedicar à figura e atuação de Jorge Calmon e sua participação no desenvolvimento da mesma fará um trabalho incompleto. Isso porque sua influência está evidenciada por mais de meio século de atuação.

Conviver com ele e trabalhar sob seu comando, foi um privilégio e uma certeza de que, todos os dias, sempre aprendia algo de novo. Suas observações, críticas ou elogiosas, sempre foram pertinentes e equilibradas. Como diretor-redator-chefe ele soube ser duro e condescendente. Soube ser justo e exigente. Soube também como valorizar o empenho e a dedicação dos colegas e nunca deixou de estimular os jovens, abrindo-lhes oportunidades, desde que possuíssem dinamismo, garra e agressividade - atributos que ele considera natos de um bom jornalista e com os quais ele mesmo se identifica.

DADOS BIOGRÁFICOS DE JORGE CALMON

Filho do comerciante Pedro Calmon Freire Bittencourt e de Maria Romana Moniz de Aragão Calmon de Bittencourt, Jorge Calmon nasceu a 7 de julho de 1915, na rua do Genipapeiro, no bairro de Nazaré, em Salvador. Foi no jardim de infância mantido pela profa. Laura Barbuda onde fez seus primeiros estudos, concluindo o segundo grau no Colégio Antonio Vieira. Ingressou mais tarde na Faculdade de Direito da Bahia, diplomando-se em 1937. Em 12 de junho de 1948 casou-se com Leonor Calmon com quem teve seis filhos: Maria Romana, Maria Edith, Mário, Maria Virginia, Maria Tereza e Jorge Filho.

Suas atividades profissionais estão distribuídas por quatro setores básicos: o jornalismo, o serviço público, o magistério e a política. Como reconhecimento nestas atividades ele também foi condecorado e recebeu vários títulos. A seguir suas principais atividades:

JORNALISMO

Na Faculdade de Direito desenvolveu intensa atividade política, participando da direção da Associação Universitária da Bahia, quando participou da campanha pela construção da Casa do estudante e executou sua primeira atividade jornalística ao editar o órgão oficial da Associação.

Começou no jornal A Tarde ainda quando estudante universitário, no ano de 1934, por recomendação do seu irmão Pedro, que mantinha boas relações com Simões Filho. Depois de um longo estágio como auxiliar de arquivo e realizando reportagens eventuais, Jorge Calmon foi definitivamente contratado como repórter no dia 1º de fevereiro de 1935, com a função de cobrir os acontecimentos da cidade.

Um ano depois de formado, em 1938, fundou, juntamente com Pinto de Aguiar, a Editora Cruzeiro, que publicou entre outros clássicos “O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina” de Teodoro Sampaio.

Como jornalista foi repórter, redator e secretário(1935), Redator-Chefe (1949) e Diretor-Redator Chefe(1971-1996). Foi presidente da Rádio Cultura da Bahia(1955); membro do Grupo de Trabalho nomeado pelo Presidente da República para estruturar a Agência Brasileira de Notícias (1961), membro da Comissão de Liberdade de Imprensa da Sociedade Interamericana de Imprensa e Presidente da Associação Bahiana de Imprensa (1970-1972).

SERVIÇO PÚBLICO

Foi diretor da Biblioteca Pública do Estado (1938-1942), editando um boletim informativo mensal e duplicando, em sua gestão, o total de volumes à disposição do público. De 1955 a 1963 não exerceu cargos públicos, dedicando-se ao jornalismo e ao magistério, lecionando História das Américas na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia. Em 1963 foi nomeado Secretário do Interior e Justiça, durante o Governo de Lomanto Junior, permanecendo no cargo até 1966. Foi Secretário da Justiça

(1966-1967) e Ministro do Tribunal de Contas do Estado da Bahia (1967-1971). Em 1969 foi nomeado relator das Contas do Governador, apresentando na oportunidade um amplo estudo sobre a situação econômica e financeira do Estado no ano de 1968. Em 1979, reconhecendo a colaboração que o Conselheiro prestara com seus trabalhos, o Tribunal de Contas outorgou-lhe a Medalha do Mérito Ruy Barbosa.

POLÍTICA

De 1947 a 1955, Jorge Calmon foi eleito e reeleito deputado estadual, primeiro pela União Democrática Nacional e depois pelo Partido Libertador. Como deputado participou dos trabalhos da primeira Constituição do estado da Bahia, contribuindo com o artigo constitucional que assegurou ao município de Salvador a sua Lei Orgânica. Pode-se destacar também como sua efetiva participação parlamentar a preparação do anteprojeto da Lei Orgânica do Município de Salvador, os estudos sobre o êxodo de baianos para São Paulo, sobre os preços do petróleo baiano, sobre as tarifas de água e a decadência das estradas de ferro. Destacam-se ainda seus pareceres técnicos sobre a reforma do Tribunal de Contas do Estado da Bahia e do Instituto de Cacau da Bahia.

MAGISTÉRIO

Jorge Calmon iniciou suas atividades no magistério no ano de 1941, como professor de Português e História do Comércio na Escola Comercial Feminina da Bahia. Naquele mesmo ano foi nomeado Professor Catedrático de História Americana da Faculdade de Filosofia da Bahia, atual Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, da qual foi um dos professores fundadores, mantendo-se em atividade até julho de 1985, quando se aposentou. Na área do magistério superior exerceu vários cargos e funções, participando também de inúmeras comissões, dentre os quais foi chefe dos Departamentos de Jornalismo e de História, vice-diretor da Faculdade de Filosofia (1961-1964) e Presidente do Núcleo da Bahia da Associação Nacional dos Professores Universitários de História (1961-1962). Foi professor voluntário de Técnica de Jornal no Curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia (1956) e organizador, a convite do Reitor da Universidade, do segundo e atual Curso de Jornalismo e chefe do respectivo Departamento (1961).

TÍTULOS

Entre os inúmeros títulos que Jorge Calmon possui destacam-se: Professor Emérito da Universidade Federal da Bahia; Membro Benfeitor e ex-presidente da Academia de Letras da Bahia; Sócio Benemérito e ex-presidente da Associação Bahiana de Imprensa; Membro da Academia Brasileira de História; Administrador do Ano (1984) outorgado pela Escola de Administração da UFBA; Cavaleiro da Ordem de Malta; além de outros títulos de destaque Jorge Calmon é também Cidadão Honorário de Ilhéus, Itabuna, Juazeiro, Feira de Santana, Santo Amaro, Ubaitaba, Coaraci e Uauá.

CONDECORAÇÕES

Entre inúmeras condecorações, destacam-se Ordem do Mérito da Bahia, no grau de Grande Oficial; Ordem do Mérito das Comunicações, Grande Oficial; Medalha Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras; Medalha do Mérito Jornalístico, da ABI-BA; Medalha Thomé de Souza, da Câmara Municipal de Salvador; Ordem do Mérito Judiciário do Trabalho, no grau de Oficial; Medalha do Mérito Ruy Barbosa, do Tribunal de Contas do Estado; Medalha Ana Néri, da Sociedade Brasileira de Educação e Integração, de São Paulo; Medalha do Mérito astro Alves, da Secretaria de Educação do Estado da Bahia; Medalha do Pacificador, do Exército Brasileiro; Medalha do Mérito Tamandaré, da Marinha de Guerra, Medalha do Mérito Marechal Argolo, Visconde de Itaparica, da Polícia Militar da Bahia; Ordem do Infante D. Henrique, de Portugal, no grau de Comendador, Comenda de Numero de 1ª Ordem Del Mérito Civil, da Espanha; Comenda Del Mérito Civil da República do Chile.

OPINIÕES DE JORGE CALMON

Jorge Calmon iniciou sua carreira jornalística como repórter de assuntos gerais em 1935. Cinco anos depois foi nomeado secretário de redação e em 1949 foi nomeado redator-chefe. Em 1979 passou a exercer a função de diretor-redator-chefe, cargo que exerceu até deixar o jornal em 1995, após 60 anos de trabalhos ininterruptos na mesma empresa. Ao longo de sua vida profissional, o professor e jornalista Jorge Calmon sempre emitiu suas opiniões, em artigos, entrevistas, discursos e palestras sobre o jornalismo e diversos outros assuntos. A seguir algumas de suas opiniões sobre o jornalismo que garimpamos:

Quando começou no jornalismo, quais suas primeiras funções dentro do jornal?

Jorge Calmon – Comecei a trabalhar gratuitamente (como estagiário, em meados de 1934) como auxiliar de arquivo, recortando fotografias e fazendo reportagens eventuais. Fui admitido em 1º de fevereiro de 1935. Eu não fui repórter de grandes reportagens, mas adquirei boa experiência nos primeiros anos.

Quais foram os seus mestres no jornalismo?

Jorge Calmon – Entre os mestres, invoco naturalmente ao primeiro plano a figura tutelar de Ernesto Simões Filho que me abriu a porta de seu jornal e que, a seguir, me deu a mão para que eu pudesse galgar, degrau por degrau, os sucessivos patamares da carreira. Enquanto me permitiu observar, ao longo de 23 anos de relacionamento, o seu próprio desempenho como jornalista, um dos mais completos jornalistas que jamais houve neste país, sabendo da imprensa todos os segredos e possibilidades. Soube conhecer como poucos a indústria do jornal e as formas mais apropriadas de comunicação pela palavra impressa. Raros também o terão igualado na utilização do jornal como instrumento de influência junto ao povo, para orientá-lo de acordo com seus apelos e suas idéias. Foi um privilégio ter estado tanto tempo ao seu lado, aprendendo, verificando que ele sempre tinha razão quando reclamava ou corrigia, mas, sobretudo, buscando assimilar seus conceitos sobre os homens e sobre os assuntos públicos,

conceitos derivados de uma sagaz experiência que, entretanto, de nenhum modo estiolava a pureza dos objetivos, seu espírito público, sua apaixonada baianidade.

E quais foram os outros mestres?

Jorge Calmon – Mestres, tive vários: Ranulfo Oliveira, que me ensinou, pelo comportamento e pelas opiniões, a preciosa lição do equilíbrio. Antonio Marques Pinto, modelo de discrição e companheirismo. Aloysio de Carvalho, pai, de quem recolhi conselhos sobre a arte de escrever, e que me habituou a recorrer ao dicionário para dirimir dúvidas. Florêncio Santos, corrigindo os meus primeiros originais e mostrando como titular matérias. Aristóteles Gomes, o irreverente e honesto Aristóteles, exemplar na capacidade de trabalho, e, dentre os de gerações mais recentes, ressuscitando-lhe a presença, Heron de Alencar, jornalista nato, que, certa feita, solidariamente, preparou comigo, a quatro mãos, um editorial a ser impresso com urgência.

Quais os requisitos exigidos para que o trabalho na imprensa alcance seus elevados objetivos?

Jorge Calmon – Para ser digno da singular posição a ele reservada na sociedade democrática, o jornalista tem de acreditar, firme e sinceramente, nessa abstração que se chama interesse público. E, porque nele acredita, tem de defendê-lo com intrepidez e veemência.

Quais os pré-requisitos do bom jornalista?

Jorge Calmon – O bom jornalista deve saber escrever e ter agressividade. O desanimado e burocrata, que espera pelo fato, este não é um jornalista. Só considero mesmo jornalista aquele que tem o calor, o interesse pela notícia. O espírito público é outra característica fundamental ao jornalista. Acho que a profissão só tem beleza quando tem sentido social. O jornalista deve ser um combatente do interesse coletivo, e não um carreirista.

Como se constrói a credibilidade do jornalista e de um jornal?

Jorge Calmon – A credibilidade se constrói vagarosamente e se destrói por muito pouco. Se o jornal escorregar, se sair do sério, se virar instrumento de negociata, o leitor percebe.

O que mudou na prática jornalística ao longo do tempo?

Jorge Calmon – Quando me iniciei no jornalismo, e nos primeiros anos em que o exerci, pude observar vários casos e modalidades de aproveitamento da condição ou do trabalho do jornalista para fins nada recomendáveis. Naquele tempo, havia jornalistas que eram meros passageiros da profissão, sempre à espera de nomeação para uma sinecura, quando não de um mandato político, havendo também os vencidos na vida, acomodados com o magro salário pago pelo jornal, a que somavam o ordenado de um empreguinto em repartição pública. Esse quadro mudou muito, para melhor. Hoje, o jornalismo é uma atividade cuja remuneração, mesmo fora dos grandes centros, caminha para a suficiência, não devendo estar longe o dia em que o profissional da imprensa possa viver e sustentar família, em nível decente, com a contrapartida pecuniária do seu trabalho, deixando,

assim, de necessitar de outras fontes de renda, e adquirindo, por isso mesmo, plena independência. Ora, é inegável que para isso, quer dizer, para a autonomia e dignidade da profissão, contribuiu, decisivamente, a habilitação universitária do jornalista, complementada e protegida pelas garantias legais que atualmente cercam o trabalho na imprensa.

Naquela época (quando se iniciou), o estilo jornalístico diferia do de hoje, dava-se certo teor literário aos textos no jornal. Hoje o jornalismo é mais objetivo, investigativo e voltado para os fatos.

E a imprensa propriamente dita mudou ao longo dos anos em que o senhor exerceu o jornalismo diário?

Jorge Calmon – Eu diria que a imprensa mudou muito neste período, inclusive com o advento dos outros meios de comunicação de massa. O rádio e depois a televisão vieram de certo modo como concorrentes, mas a imprensa tem sua faixa própria. A princípio, julgava-se que o rádio poderia prejudicá-la no alcance e influência, o que não aconteceu porque muita coisa não pode ser veiculada no rádio. A televisão também, quando se popularizou, julgou-se que afetaria o jornalismo impresso, porém a televisão tem sua mensagem própria e peculiar, caracterizando-se mais como divertimento, sendo que na informação seu desempenho é relativo. À imprensa cabe a informação minuciosa com a interpretação e o comentário que a televisão não pode fazer. No que diz respeito à imprensa baiana, embora tenha sofrido com a concorrência desses outros meios de massa, inclusive na parte publicitária, ela continua a ter influência.

E a censura no jornalismo?

Jorge Calmon – Você dizer que não há nenhuma censura em jornal seria faltar com a verdade. Existe uma censura moral, como existe na consciência de cada um de nós. Não praticamos determinadas coisas porque refletimos e vemos que não podem ser praticadas. Assim também é no jornalismo. Há várias coisas que o jornal não publica porque não quer assumir responsabilidade, ou porque fazem mal aos leitores certos fatos degradantes. Por outro lado, isso de jornal estar aberto a todas as opiniões, de certo modo é justificado sob determinado ponto de vista, mas acontece que não há um jornal sem ideologia. Claro, poderíamos vender muito com notícias de polícia e fotos de mulher nua, mas este não era o padrão de jornalismo adotado em A Tarde.

Então, em alguns casos a censura é justificável?

Jorge Calmon – Não digo a censura, mas o pudor na liberação da notícia. Não por falta de coragem, mas por responsabilidade.

Que critérios então o senhor utilizava para decidir o que era ou não para ser publicado?

Jorge Calmon – O bom senso. O bom senso e o respeito às pessoas e sua imagem.

O senhor lembra de alguma situação em que ficou em dúvida na hora de decidir o que seria publicado ou não?

Jorge Calmon – Não dúvida, não. A Tarde deixou de publicar a partir do dia 4 de dezembro de 1968 todos os comentários editoriais por falta de liberdade de expressão. Essa foi a decisão mais delicada que eu tive que tomar.

O senhor teve algum arrependimento por algum veto ou por ter autorizado a publicação de alguma matéria?

Jorge Calmon – Pode ser. Mas o jornalista mais experiente dificilmente hesita, porque a sensibilidade reage logo. E é mais provável que eu tenha me arrependido de uma permissão do que de um veto.

O que é essencial para a prática do bom jornalismo?

Jorge Calmon – Uma coisa essencial é a ética do jornalismo. Quando deixar de exercer função social, o jornalismo se enquadrará em qualquer outra atividade, será um balcão, uma banca de engraxate, uma loja. Claro, o jornalismo deve estar aberto a opiniões amadurecidas, mas lutamos com limitação de espaço e a produção do jornal é cara.

Em sua opinião o que caracteriza o bom jornalismo?

Jorge Calmon – O jornalismo praticado conforme os padrões da boa comunicação. O jornalismo comprometido com a verdade; O jornalismo que informa com exatidão, sem nada esconder. O jornalismo que lealmente fornece ao leitor os elementos necessários a que ele forme a sua própria opinião. O jornalismo consciente de sua função educativa. O jornalismo que se abstém de emprestar sensação ao registro de fatos escabrosos, ainda que sabendo que isso lhe renderia mais leitores, e aumentaria a mídia publicitária. O jornalismo que despreza as seduções oferecidas pela sua própria influência, para manter-se fiel à sua missão. O jornalismo desvinculado de intimidades com o poder e com grupos de qualquer natureza. O jornalismo que assume, sem vacilações, o papel que a sociedade implicitamente lhe confere, de fiscal dos assuntos públicos. O jornalismo elevado à condição de intérprete do pensamento e dos reais interesses da coletividade. O jornalismo intransigentemente engajado na preservação da liberdade, da qual a imprensa retira o oxigênio vital.

Como decano do jornalismo baiano, o que o senhor acha que lhe faltou ao longo de 60 anos de prática jornalística?

Jorge Calmon – Na lenta viagem pela vida, o tempo é o sutil e implacável timoneiro, que, em dado momento nos surpreende mostrando a distância percorrida. Neste caso, no entanto, o tempo importa menos que a confortadora certeza interior de que não me abandonou o entusiasmo com que, ainda bem jovem, ingressei na profissão; e de que mantenho, intactos, os mesmos ideais. Se me falta, como bem reconheço, o fulgor intelectual característico dos grandes jornalistas, daqueles que sabem conduzir à expressão máxima as potencialidades da imprensa, daqueles que em si reúnem o gênio, a mensagem e a bravura, daqueles que pelo só atitude ou pelo artigo eletrizam o ambiente social – sempre procurei, quanto possível, suprir essas qualidades com o modesto e pontual cumprimento do dever, todos os dias na minha mesa de trabalho, buscando contribuir para que a opinião do jornal fosse oportuna e sensata, e que a notícia fosse publicada tão imediata quanto veraz, avesso ao sensacionalismo, cioso da honra e

dignidade alheias, mais amigo dos fracos do que dos poderosos, fiel, sinceramente fiel ao interesse público.

